

DOI: <http://dx.doi.org/10.17793/rdd.v5i9>

10. A ANGÚSTIA COMO POSSIBILIDADE DA LIBERDADE: UM DIÁLOGO ENTRE KIERKEGAARD E CAMUS NA OBRA O ESTRANGEIRO

10. THE ANXIETY AS POSSIBILITY OF FREEDOM: DIALOGUE BETWEEN KIERKEGAARD AND CAMUS IN THE STRANGER

Guilherme de Oliveira FELDENS¹

*"I'm alive
I'm dead
I'm the stranger
Killing an arab
I can turn and walk away
Or I can fire the gun
Staring at the sky
Staring at the sun
Whichever I choose
It amounts to the same
Absolutely nothing"* (The Cure – Killing an Arab)

*"Entre mortos e feridos, entre gritos e gemidos
(A mentira e a verdade, a solidão e a cidade)
Entre um copo e outro da mesma bebida
Entre tantos corpos com a mesma ferida
Eu me sinto um estrangeiro
Passageiro de algum trem
Que não passa por aqui
Que não passa de ilusão"* (Humberto Gessinger – A revolta dos Dândis I)

Resumo: O presente artigo objetiva fazer uma análise da obra O estrangeiro de Albert Camus, tendo como ponto de referência a ideia de angústia existencial trabalhada por Kierkegaard. Por meio desse estudo, pretende-se verificar a influência do filósofo dinamarquês na construção do personagem principal da obra de Camus, ressaltando o absurdo que cerca a existência humana.

Palavras-chave: liberdade, angústia, existencialismo.

Abstract: This article aims to make an analysis of the Albert Camus' The stranger, having as reference the existential anxiety idea worked by Kierkegaard. Through this study, we intend to verify the influence of Danish philosopher in the construction of the main character of the work of Camus, highlighting the absurdity surrounding the human existence.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. E-mail: guilhermefeldens@cesuca.edu.

Key-words: freedom, anxiety, existentialism.

Sumário: Introdução; 1. O conceito de angústia em Kierkegaard: um diálogo com o estrangeiro de Camus; 2. O indivíduo em direção da infinitude; Considerações finais; Referências bibliográficas.

INTRODUÇÃO

O Estrangeiro de Albert Camus é uma obra que tem como proposta principal perturbar o leitor através de uma sensação de abandono e estranheza, narrada em primeira pessoa, sem delimitações objetivas dos fatos narrados. Assim, através da perspectiva do personagem Meursault, o leitor é colocado em situação direta com o sentimento de indiferença compartilhado pelo protagonista.

Desse ponto de referência, é contada a história do escriturário Meursault que, na primeira parte da obra, viaja para comparecer ao enterro de sua mãe, apresentando o “comportamento insensível” de não chorar, nem demonstrar qualquer emoção, em relação à perda da mãe. Em seguida, o protagonista se envolve com uma mulher sem demonstrar grandes sentimentos por ela, mas sem recusar o relacionamento, acentuando a sensação de abandono e de absurdo do personagem diante dos acontecimentos. Na sequência absurda dos acontecimentos, Meursault mata um árabe e é levado à julgamento, no qual é condenado à morte.

É justamente na segunda parte da obra, na descrição dos acontecimentos do Tribunal, que se encontra a total situação de abandono na qual está jogado o personagem principal. De um lado, tem-se os argumentos de acusação do procurado, de outro lado, a defesa exercida pelo advogado de Meursault e, no meio desse embate, o personagem que se comporta com indiferença em relação aos padrões sociais comuns, como um estrangeiro, e sem esboçar nenhuma reação ante a angústia de ter sua condenação à morte decretada.

Dessa forma, o presente artigo objetiva destacar esse aspecto de estranheza em relação ao mundo, apresentado por Camus através de seu personagem principal em *O estrangeiro*, relacionando a ideia de absurdo, de condição de irracionalidade do homem ante a finitude de sua existência com a análise kierkegaardiana de angústia existencial. Assim, pretende-se demonstrar, com base nas ideias de Kierkegaard, que o indivíduo que aprende a enfrentar a

angústia de verdade, sem fugir dela, não afunda na miséria da finitude, como o personagem Meursault, lançando-se em direção da infinitude.

1. O CONCEITO DE ANGÚSTIA EM KIERKEGAARD: UM DIÁLOGO COM *O ESTRANGEIRO* DE CAMUS

Na obra “*O conceito de angústia*”, Kierkegaard trata sobre a investigação da angústia existencial, expondo um verdadeiro tratado em relação às questões do indivíduo frente às situações e possibilidades de escolhas, frente às inquietações da vida e da existência. No quinto e derradeiro capítulo desta obra, intitulado “*A angústia como o que salva pela fé*” (Kierkegaard, 2010, p. 142), o autor expõe a necessidade de angustiar-se e dominar essa angústia frente a todas essas possibilidades, para que o indivíduo não venha a se perder em sua existência, seja por nunca ter se angustiado, seja por ter se afundado diante de tal estado. Assim, além de a angústia apresentar-se como a possibilidade da liberdade, aparece como algo absolutamente formador da subjetividade do indivíduo, na medida em que derruba todas as coisas finitas e o faz autor de sua própria existência.

Segundo Kierkegaard (2010, p. 65)

A angústia pode ser comparada com a vertigem. Aquele, cujos olhos se debruçam a mirar uma profundidade escancarada, sente vertigem. Mas qual é a razão? É tanto o seu olhar quanto o abismo. Não tivesse ele encarado a fundura!... Assim também, a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer pôr a síntese, e a liberdade então fixa os olhos no abismo de sua própria possibilidade e aí agarra a finitude para segurar-se.

.Nesses termos, Kierkegaard expõe a necessidade de angustiar-se como uma aventura pela qual todo indivíduo deve obrigatoriamente enfrentar para não se perder (Kierkegaard, 2010, p. 150). Somente aquele que se forma pela angústia diante das possibilidades, carregando em si o seu peso, estará formado de acordo com sua infinitude, e estará apto a entender que no quadro de possibilidades tudo é possível e que a realidade não é um fardo tão pesado quanto o da possibilidade. A realidade só forma de modo finito e sempre se pode fugir dela de algum modo, impedindo que se aprenda alguma coisa de si².

² Conforme expõe Sartre (1987, p. 7), “em primeiro lugar, como devemos entender a angústia? O existencialista declara frequentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a

Como coloca Kierkegaard, “da finitude pode-se aprender muita coisa, mas não a se angustiar, a não ser em um sentido muito medíocre” (Kierkegaard, 2010, p. 152), enquanto que aquele que aprendeu a angustiar-se de verdade pode “mover-se como na dança logo que as angústias da finitude começam a ressoar e quando o aprendiz da finitude perde a coragem e a razão” (Kierkegaard, 2010, p. 155).

É, portanto, neste aspecto, que reside a natureza formadora da possibilidade. Como afirma o autor (Kierkegaard, 2010, p. 152),

Na realidade efetiva jamais alguém se tornou tão infeliz que não tenha conservado um restinho de esperança, e diz o senso comum com toda a verdade: quem é jeitoso sabe arranjar-se. Porém aquele que passou pelo curso de infelicidade que a possibilidade oferece, perdeu tudo, como nunca ninguém na realidade o perdeu.

Nota-se que, neste aspecto, o autor sustenta a importância do indivíduo e das suas escolhas lógicas ou ilógicas; a importância de sua liberdade para escolher, o que significa ter uma completa responsabilização individual pela sua própria realização, marcando seu pensamento pela falta de um “sistema” inteligível acabado para a existência do homem, que significaria já uma limitação à sua liberdade (Kierkegaard, 2010, p. 153). Kierkegaard vai ainda mais longe, ao colocar que a verdade é subjetiva, que só existe para o indivíduo, e sendo esta o conteúdo da liberdade, a verdade torna o ser humano livre e, conseqüentemente, decorre assim uma liberdade ilimitada³. Suas ideias apresentam-se, então, incompatíveis com o determinismo lógico Hegeliano, pois qualquer forma de absoluto que não seja a liberdade contraria a liberdade. Kierkegaard insiste contra a existência de um determinismo; insiste na responsabilização individual.

Ele contrapõe-se ao universo de Hegel apontando suas ideias para o homem sozinho, esse homem que somos todos e cada um de nós em particular; no qual há sempre

humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade. É fato que muitas pessoas não sentem ansiedade, porém nós estamos convictos de que essas pessoas mascaram a ansiedade perante si mesmas, evitam encará-la; certamente muitos pensam que, ao agir, estão apenas engajando a si próprios e, quando se lhes pergunta: mas se todos fizessem o mesmo?, eles encolhem os ombros e respondem: nem todos fazem o mesmo”.

³ Como afirma Kierkegaard (2010, p. 134), “o conteúdo da liberdade, numa perspectiva intelectual, é verdade, e a verdade torna o ser humano livre. Mas justamente por isso a verdade é a obra da liberdade, de modo que esta constantemente engendra a verdade. É óbvio que aqui não estou pensando no achado espiritual da filosofia mais recente, que sabe que a necessidade do pensamento também é sua liberdade, e que por isso, quando fala em liberdade do pensamento, fala apenas do movimento imanente do pensamento eterno. Tal tirada espirituosa serve apenas para confundir e dificultar a comunicação entre homens. O que eu comento, por outro lado, é algo de bem simples e singelo: que a verdade só existe para o indivíduo à medida em que ele próprio a produz na ação.”

um ato de vontade, uma decisão colocada pelo indivíduo. Cada indivíduo deve ser então o “autor de sua existência”. Para o filósofo dinamarquês, não há uma lógica absoluta regendo a história e a existência do indivíduo, na qual ele já estaria “amarrado” e sem liberdade, as á sim um caráter essencial da subjetividade, que não encontra nenhum regramento prévio⁴.

É dentro destes conceitos que Kierkegaard coloca a angústia como o “mostrar-se da liberdade para si mesma na possibilidade” (Kierkegaard, 2010, p. 134). Diante da vida há várias opções possíveis; um terreno infinito de possibilidades e, portanto, de angústia. Desse modo, quanto maior a possibilidade de escolha, maior será a sua angústia. A angústia, portanto, está ligada a possibilidade de escolher, ao mesmo tempo atraindo e afastando (Kierkegaard, 2010, p. 135)

Segundo o autor, a liberdade presume possibilidades, e as possibilidades criam a angústia (Kierkegaard, 2010, p. 55):

Deste modo, a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para sua própria possibilidade, e então agarra a finitude para nela firmar-se [...], mas ao mesmo tempo a angústia é a coisa mais egoísta que há, e nenhuma expressão concreta da liberdade é tão egoísta como a possibilidade de qualquer concreção. Isto é, uma vez mais, o elemento que oprime, que determina a relação ambígua do indivíduo, de simpatia e antipatia. Na angústia reside a infinitude egoísta da possibilidade, que não tenta como uma escolha, mas angústia insinuante, com sua doce ansiedade.

A realização individual, portanto, somente será alcançada com o correto enfrentamento da angústia, com a conclusão completa da “escola da possibilidade”.

⁴ Em *Temor e tremor*, sob a pena de Johannes de Silentio, Kierkegaard ataca o sistema hegeliano, usando a parábola de Abraão como o grande paradoxo inconciliável da filosofia hegeliana: “quando Hegel determina o homem unicamente como Indivíduo no seu capítulo: ‘*O bem e a consciência*,’ tem razão em considerar essa determinação como uma forma ética do mal (cf. sobretudo A Filosofia do Direito) que deve ser suprimida na teleologia da moralidade, de modo que o Indivíduo que permanece nesse estágio ou peca ou entra em crise. Pelo contrário, erra ao falar da fé, erra ainda por não protestar em voz bem alta e poderosa contra a veneração e a glória de que Abraão goza como pai da fé, pois que o seu processo deveria ser revisto para o banir como assassino. Com efeito, é a fé esse paradoxo segundo o qual o Indivíduo está acima do geral, mas de tal maneira que, e isso importa, o movimento se repita e, por consequência, o Indivíduo, depois de ter permanecido no geral, se isole logo a seguir, como Indivíduo acima do geral. Se não é este o conteúdo da fé, Abraão está perdido, nunca houve fé no mundo, porque jamais ela passou do geral. Assim, se o que consideramos moral (ou o virtuoso) representa o supremo estágio, se não resta ao homem nada de incomensurável senão o mal, quer dizer, o particular que deve exprimir-se no geral, bastam-nos as categorias da filosofia grega ou as que dela logicamente se deduzem. E, visto que estudou os gregos, Hegel não devia tê-lo ocultado” (Kierkegaard, 2008, p. 100).

2. O INDIVÍDUO EM DIREÇÃO DA INFINITUDE

Kierkegaard salienta que para o indivíduo atravessar a angústia das possibilidades, não se perdendo e enfrentando-a corretamente com coragem, é necessário ser honesto frente à possibilidade e ter fé. Assim, se forem administradas ordenadamente as descobertas da possibilidade, então a possibilidade há de descobrir todas as finitudes, “mas há de idealizá-las na forma da infinitude, e há de mergulhar o indivíduo na angústia, até que este, por sua parte, as vença na antecipação da fé” (Kierkegaard, 2010, p. 151). Ao indivíduo, neste estágio, a angústia se torna um espírito servidor que não pode deixar de conduzi-lo para onde ele quiser: “com o auxílio da fé a angústia educa a individualidade a repousar na providência” (Kierkegaard, 2010, p. 155). O indivíduo que aprendeu a angustiar-se de verdade não deseja afundar na miséria da finitude, lançando-se em direção da infinitude.

Dessa forma, é necessário mergulhar fundo na angústia, na infinitude das possibilidades, para que se escolha o melhor caminho⁵. É angustiando-se e escolhendo que o indivíduo se forma e constrói a si mesmo; “decidir é arriscar-se” e isto gera angústia (Kierkegaard, 2010, p. 152). Assim sendo, o sentimento de angústia tem grande importância na construção da subjetividade do indivíduo e na sua auto-afirmação, fazendo com que ele exerça a sua liberdade de escolha em total consonância consigo próprio e com a sua verdade⁶. Kierkegaard nos faz refletir como o indivíduo está perdido de si mesmo, como está esquecido seu interior, como está sem importância o rumo que está tendo sua vida, pretendendo demonstrar a necessidade de abordar o homem em um sentido cada vez mais autêntico. Essa preocupação do filósofo dinamarquês aparece, a todo momento, no personagem Meursault, que durante todo o processo de instrução de seu julgamento, parece se jogar ao total abandono de sua condição⁷, a ponto de não compreender que estava preso

⁵ Heidegger (1989, p. 33) segue essa definição ao afirmar que “é na disposição da angústia que o estar-lançado na morte se desentranha para a presença de modo mais originário e penetrante. A angústia com a morte é a angústia com o poder-ser mais próprio, e remissível e insuperável”.

⁶ Como afirma Sartre (1997, p. 681), “aquele que realiza na angústia sua condição de *ser* arremessado em uma responsabilidade que reverte até sobre sua derrelição já não tem remorso, nem pesar, nem desculpa; já não é mais do que liberdade que se revela perfeitamente a si mesmo e cujo ser reside nesta própria revelação”.

⁷ Um exemplo dessa questão aparece na parte do romance em que Meursault descreve seus dias detidos na prisão: “de todos os modos, não vale a pena exagerar, e o certo é que me custou menos do que a muitos outros. No início da minha detenção, no entanto, o mais duro, foi virem-me à cabeça pensamentos de homem livre. Por exemplo, sentia de repente desejo de estar numa praia e de correr para o mar. Imaginando o barulho das primeiras ondas sob as plantas dos pés, a entrada do corpo na água, a libertação que era para mim o banho de mar, sentia de repente até que ponto as paredes da prisão me cercavam. Mas isto durou apenas alguns meses. Depois, passei a ter unicamente pensamentos de prisioneiro.

ali há cinco meses, pois para ele era sempre “o mesmo dia que caía na cela, e era sempre a mesma tarefa, que eu perseguia sem cessar” (Camus, 2008, p. 55).

Nesta necessidade de aprendizado de enfrentamento da angústia, apresentada por Kierkegaard no capítulo V desta obra, destaca-se, em comparação com o romance de Camus, a importância de constituição própria da subjetividade nos indivíduos, colocando uma opção para a atual realidade de massificação de comportamento e de escolhas, que faz com que os indivíduos não assumam as suas próprias certezas e os seus próprios planos de vida. Seu pensamento contrapõe-se ao homem preso por modelos externos impositivos, pois as verdadeiras escolhas são aquelas que nascem no interior de cada um, de maneira autêntica. É visível que o personagem Meursault situa-se imerso em uma existência alheia a seu próprio projetos de vida, em uma realidade que ao invés de lhes oferecer esta suposta segurança, o fez se perder ainda mais.

Essa situação é bem demonstrada no comportamento adotado pelo personagem, durante seu julgamento, já que ele assume uma situação de abandono frente ao desenrolar de sua própria situação (Camus, 2008, p. 72):

Para o fim, lembro-me unicamente de que na rua e através de todo o espaço das salas e das tribunas, enquanto o meu advogado continuava a falar, eu ouvia a buzina do vendedor de gelados. Assaltaram-me as recordações de uma vida que já não me pertencia, mas onde encontrara as mais pobres e as mais tenazes das minhas alegrias: odores do verão, do bairro que eu amava, um certo céu ao anoitecer, o riso e os vestidos de Maria. Tudo quanto neste lugar eu fazia de inútil subiu-me então à garganta e só tive uma pressa: acabar depressa com isto e voltar à minha cela, onde ia poder dormir.

Isso evidencia que, frente às incertezas, o peso da possibilidade e o medo de fazer escolhas erradas, Meursault acabou “fugindo” da própria angústia, por meio da “segurança” das escolhas comuns. Este quadro de falsa segurança resultou no sacrifício de sua individualidade, fazendo com que se comportasse sem autenticidade durante todo seu julgamento. Neste aspecto, as ideias de Kierkegaard e Camus apontam para a necessidade de “assumir-se a si mesmo”, como uma opção absoluta e irreversível do indivíduo rumo à

Aguardava o passeio quotidiano no pátio ou então a visita do advogado. No resto do tempo, passava menos mal. Nessa altura pensei muitas vezes que, se me obrigassem a viver dentro de um tronco seco de árvore, sem outra ocupação, além de olhar a flor do céu por cima da minha cabeça, ter-me-ia habituado pouco a pouco. Observaria a passagem das aves ou os encontros entre as nuvens, tal como aqui observava as extraordinárias gravatas do advogado e como, num outro mundo, esperava até sábado para apertar nos meus braços o corpo de Maria. Ora a verdade, afinal de contas, é que eu não estava dentro de um tronco de árvore. Havia pessoas mais infelizes do que eu. Acabamos por nos habituar a tudo, gostava a minha mãe de dizer” (Camus, 2008, p. 53).

liberdade verdadeira. Torna-se fundamental, portanto, constatar que a retirada de Meursault do processo de criação de sua própria verdade, de seu próprio projeto existencial, o atirou em uma condição de alienação, dando origem a um vazio existencial, pois a construção da verdade ocorrida no Tribunal, e durante toda sua vida, era incompatível com as exigências mais profundas do seu interior⁸.

Assim, para que a individualidade não se perca na generalidade, para que o indivíduo não abandone a sua própria existência, é necessário angustiar-se; sentir a angústia de ser livre e de poder optar; sem saber se aquilo que se opta é melhor ou pior (Kierkegaard, 2010, p. 155). Somente quando o indivíduo se livra deste conformismo descobre a sua possibilidade de existir autenticamente, descobre-se como liberdade de escolher e de fazer-se a si mesmo, o que é fundamental, pois a falta de uma definição autêntica faz com que o homem não conheça seu sentido e se perca na generalidade, sentindo o vazio existencial em que está suspenso. A angústia é, portanto, o caminho para o ser autêntico, pois acarreta a realização definitiva do indivíduo, fazendo-o viver a sua verdade e existir plenamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance de Camus, interpretado sob a ótica da filosofia de Kierkegaard, aponta a necessidade de vivenciar a angústia como uma experiência fundamental para uma existência humana livre e autêntica. A questão da angústia pira como uma nuvem sobre o personagem Meursault, que em condição de liberdade, teve diante de si diversas possibilidades de escolha, mas, pelo fato, de não enfrentar a angústia inerente a essa

⁸ Camus evidencia esse ponto no seguinte trecho do romance: “mesmo do lugar dos réus, é sempre interessante ouvir falar de nós mesmos. Durante os arrazoados do procurador e do meu advogado, posso dizer que se falou muito de mim e talvez até mais de mim, que do meu crime. Eram, aliás, assim tão diferentes, estes discursos? O advogado levantava os braços e pleiteava culpado, mas com atenuantes. O procurador estendia as mãos e pleiteava culpado, mas sem atenuantes. No entanto, uma coisa me incomodava vagamente. Apesar das minhas preocupações, apetecia-me por vezes intervir e o meu advogado dizia-me então: ‘Cale-se, para seu bem é melhor que se cale’. De algum modo, tinham todo o ar de tratar deste caso à margem da minha pessoa. Tudo se passava sem a minha intervenção. Jogava-se a minha sorte sem que me pedissem a opinião. De tempos a tempos, tinha vontade de interromper toda a gente e de dizer: ‘Mas quem é afinal o acusado? É importante ser o acusado. E tenho coisas a dizer!’ Mas, pensando bem, não tinha nada a dizer. Devo reconhecer, aliás, que o interesse que se tem em ouvir as pessoas, não dura muito tempo” (Camus, 2008, p. 68).

sensação de abandono diante da multiplicidade de escolha, abandonou sua existência ao ocorrer dos fatos.

Assim, a posição dos autores parece indicar que a forma de enfrentar essa situação de desespero, angústia e abandono é assumir-se a si mesmo. É necessário, portanto, assumir as suas próprias certezas e os seus próprios planos de vida. Essa é a reflexão fundamental dos autores para se atingir a construção da individualidade do “Eu”. Em uma época em que cada vez mais, o indivíduo é atraído para se esconder na multidão, a situação vivenciada pelo protagonista de *O estrangeiro* parece se manter mais atual do que nunca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1989.

KIERKEGAARD, Soren. *Temor e tremor*. São Paulo: Hemus, 2008.

_____. *O conceito de angústia*. Petrópolis: Vozes, 2010.

SARTRE, Jean Paul. O ser e o nada. *Ensaio de fenomenologia ontológica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.